



Voz d'AREGA

MENSÁRIO REGIONALISTA

PREÇO 100\$00 / 0,50 EUROS

PLACAS DE SINALIZAÇÃO PERFURADAS À BALA VÂNDALOS AOS TIROS

Continuação da novela «A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS»,
de autoria de Higinio Pires

PARA COLECIONAR (A5)

Voz d'AREGA

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

Entretanto o Marquês não perdeu tempo, pensou logo em pôr em andamento o projecto que há muito tempo existia na sua mente com relação a Clarinha e para isso escreveu uma carta ao irmão convidando-o para ir passar umas férias ao Casal dos Ventos com a sua mulher. E como a ocasião coincidia com o final do ano lectivo, que se fizessem acompanhar do seu filho Rogério, para não ficar sozinho em Coimbra e porque devido ao esforço despendido nos estudos devia com certeza precisar também de umas férias. O seu irmão André residia há muitos anos em Coimbra, onde se encontrava relacionado com a alta sociedade local e muito envolvido em negócios na zona comercial da cidade.

Perante este convite adivinhava-se logo que as intenções do Marquês eram interessar o sobrinho num possível casamento com a filha.

Durante algum tempo não recebeu qualquer resposta mas finalmente chegou uma carta em que o irmão agradecia o convite e informava que dentro de dias lá estaria, juntamente com a família, para passar férias junto do irmão. Assim, numa tarde de Verão, com o Sol radiante no infinito, aquele Sol que só existe no céu azul de Portugal, como dizem os poetas, chegou ao Casal dos Ventos um belo coche puxado por dois cavalos brancos, que era o luxo dos transportes particulares usados naquela época pelos proprietários endinheirados. Tinha chegado a família André.

O Marquês, que tinha já sido avisado com certa antecedência, organizou uma recepção festiva — em que tomaram parte, além dos residentes do Casal, muitos moradores dos lugarejos limítrofes — muito bem abastecida de petiscos e folgados para todos.

Clarinha não assistiu à festa, dando como desculpa uma grande dor de cabeça que a não deixava sair do quarto.

Terminada a festa, já muito tarde, toda a gente regressou às suas casas e no dia seguinte o Casal dos Ventos voltou à vida normal.

Passados alguns dias de familiar convívio o Marquês chamou ao seu escritório o irmão e o sobrinho com o fim de pôr em andamento o seu plano referente ao casamento da filha. Começou falando da sua vida particular, dos seus negócios e da sua intenção de começar a pensar na casamento de Clarinha, visto que já estava uma mulher feita e em condições de se tornar uma dona de casa.

— Eu já vou estando velho — dizia ele. — Nestas condições preciso de alguém que me substitua na administração do património, pois já vai sendo um pouco pesado para mim. Assim, aproveito a vossa estada aqui para vos falar sobre este assunto, que me traz muito preocupado. A Clarinha está aqui muito só e como todas as meninas da sua idade aspira decerto a ter a sua própria casa e o seu marido. Lembrei-me do meu sobrinho, que é um rapaz muito inteligente e que tem um grande futuro à sua frente. Está também na idade de organizar a sua vida



Alguém se tem divertido a testar os seus dotes de atirador em placas informativas à beira da estrada. O facto não é inédito mas demonstra a falta de civismo de alguns indivíduos que se sentem realizados a destruir os bens de interesse comum.

Não se vislumbra qual a intenção deste ou destes sujeitos. Será só para testar o poder de fogo das suas arma, certamente de grosso calibre e ilegais como o demonstram os buracos deixados pelas balas, ou será alguma mensagem ou demonstração de desagrado? A placa a anunciar que estamos em zona de intervenção do Programa comunitário LEADER II foi a mais fustigada, talvez o(s) autor(es) seja(m) contra a nossa integração na Comunidade Europeia; mas a placa da Foz de Alge também não foi poupada, o que indicia um ódio mais generalizado...

Seja como for, as placas toponímicas e de informação são bens públicos e portanto a sua protecção está abrangida pela lei geral, configurando a sua destruição ou vandalização ilícito criminal.

É claro que quem faz estas gracinhas de mau gosto fá-lo pela calada da noite, ao abrigo de qualquer punição. E mais a mais está armado...

NESTE NÚMERO:

Ele há coisas ... Pág. 2
Cartas dos leitores Pág. 4

ELE HÁ COISAS...

Depois das tradicionais passas e afins, da barrigada de doces e dos intermináveis desejos de prosperidade, eis que 1999 aí está, quer dizer, se vive... sempre com as esperança renovada de que a coisa este ano corra melhor ou que, pelo menos, se vá mantendo tudo mais ou menos na mesma. De qualquer maneira, o princípio de um novo ano

é também, como se sabe, tradicionalmente um tempo de reflexão e síntese dos factos marcantes do ano que passa. E porque não?

Que no estrangeiro aconteçam coisas extraordinárias ou do arco-da-velha, isso nem sempre nos afecta directamente. Ou os escândalos são enormes e as notícias bombásticas, ou os orgulhos inter-nacionais deixamos quase sempre senão indiferentes, um pouco desinteressados.



(...) tivemos em 98 outro enjoo de tripas. Falo, claro, do caso do Presidente Clinton, ou da braguilha do mesmo, ou das manchas no vestido da amiga Mónica, já nem sei

Contra o "desinteresse internacional" a que me refiro tivemos em 98 o Nobel, do qual eu penso que se falou e voltou a falar até à náusea, ao ponto do pobre do Saramago não se ter ensaiado nada para dizer logo nas primeiras entrevistas que tudo o que mais queria do futuro era voltar à paz e sossego que havia tido antes daquele rebuliço conhecido que o fez vender cá e no estrangeiro mais livros que provavelmente alguma vez vendeu a vida toda. Com esta vitória genuinamente nacional, conseguimos finalmente deixar por uns momentos de "voltar as costas ao Mundo", como alguém disse, e gozar uns momentos de pura vitória, que eu não acredito que haja quem não se tenha sentido orgulhoso, independentemente de achar que o Sr. José carrega a imagem demoníaca do Anticristo, e outras barbaridades do género que por aí se ouvem.

E depois não posso deixar de registar algumas opiniões de quem é "obrigado" a opinar, que não pode revelar desconhecimento de causa e acaba sempre por meter os pés pelas mãos, revelando afinal atroz ignorância, como é o caso dessa

infelizmente célebre figura a quem nos habituámos a chamar de "Dom" Duarte Pio de Bragança.

E de escândalos grandes, daqueles mesmo grandes, internacionais e tudo, acerca dos quais se espera também sempre uma opinião formada, tivemos em 98 outro enjoo de tripas. Falo, claro, do caso do Presidente Clinton, ou da braguilha do mesmo, ou das manchas no vestido da amiga Mónica, já nem sei. A verdade é que o Sr. vai mesmo a julgamento e valha-lhe Deus que tanto invoca como mentor, que até Ele terá de fazer um esforço para lhe perdoar. Curiosamente, parece que as sondagens demonstram que Clinton é mais criticado pela opinião internacional do que dentro do seu próprio país. Dado estatístico que muito nos deveria revelar acerca do que um amigo meu chama, e muito bem, de "estilo de vida à americana".

Não sei se se espera de uma análise coerente de 1998 que se fale do ataque ao Iraque do mês passado. Em relação a este assunto serei muito



Por: RUI LOPES *

breve. Há que lembrar aos "Senhores do Mundo" que as armas químicas são um assunto sério, e parece que o Saddam tem lá daquilo mesmo em quantidades industriais. Esse Saddam que além de suposto estadista é também um fanático, um funda-mentalista, um louco mesmo, como aliás parece ser norma nos líderes do Médio Oriente; provocaçãozita hoje, provocaçãozita amanhã e não sei se se lembram daquela tragédia com gás sarin num Metropolitan Japonês há uns anos...é que ele há coisas que não admitem brincadeiras...

Bom Ano!

* ESTUDANTE DE FILOSOFIA

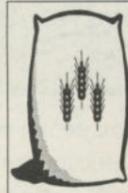
MANUEL PIRES TEIXEIRA

MADEIRAS

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO



TRANSPORTES DE ALUGUER



RAÇÕES PROALIMENTAR

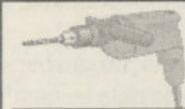
Tel.: 036 - 644209

AREGA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Adelino da Silva Simões & Filho, Lda.

Comércio de Materiais de Construção



Azulejos

Ferragens

Pavimentos

Fibrocimento

Louça Sanitária

Ferramentas

Lava-Louças

Tubos e acessórios



Ferro

Cimento

Banheiras

Tintas Dyrup

Visite o Nosso Salão de Exposição

Tel:(036) 636151 Fax:(036) 636238
CABAÇOS - 3250 ALVAÍZERE

PARA COLECIONAR (A5)

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

matrimonial e seria muito do meu agrado, se da parte dele não houver qualquer inconveniente, aceitá-lo nesta casa como meu genro.

O irmão do Marquês aprovou logo com entusiasmo o projecto e muito mais entusiasmo mostrou o filho, que acrescentou:

— Eu gosto muito da minha prima e, caso ela esteja de acordo, o nosso casamento poderá ser realizado logo que eu termine o curso de Direito, o que deverá acontecer no final do próximo ano lectivo.

— Faz a diligência para lhe agradares — disse por sua vez o tio — e para o ano trataremos do assunto.

Saíram do escritório e entraram na sala grande, onde se sentaram os dois irmãos, tendo Rogério saído à rua com o pretexto de tomar o fresco da tarde. O seu intuito era no entanto outro: queria encontrar-se com a prima, a fim de iniciar a desejada aproximação.

Clarinha não se encontrava no local, mas por informações que lhe deram tinha ido para uma propriedade limítrofe, onde por divertimento costumava acompanhar duas ovelhinhas, muito dadas a ela, que a seguiam para todo o lado como se fossem dois cachorrinhos. O primo lá a foi encontrar, sentada na relva seca, muito pensativa.

Rogério aproximou-se, tendo o cuidado de não fazer qualquer ruído, mas já muito perto escorregou num pedregulho não podendo evitar que ela apanhasse um grande susto. Clarinha deu um grito, mas reconhecendo o primo sorriu-lhe. Ele aproveitou a oportunidade para se sentar junto dela na relva seca, perguntando-lhe porque se encontrava assim tão triste e pensativa.

— Não sei — respondeu ela —, o primo sabe que nestas aldeias há menos divertimentos do que em Coimbra ou em Lisboa, portanto não deve estranhar por me encontrar um pouco aborrecida, tanto mais que tenho por vezes certas dores de cabeça que muito me incomodam.

— Esqueça isso, porque se assim o quiser pode muito bem ir residir para uma dessas cidades. E é isso mesmo o que lhe venho propor.

— Não o entendo, primo — tornou ela.

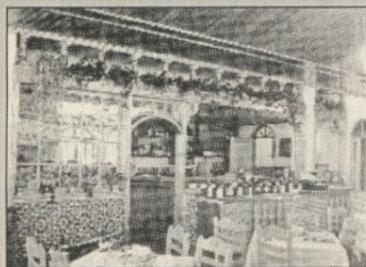
— Entende sim. Eu gostaria imenso de que a prima fosse a minha companheira na vida, queria tê-la a meu lado como minha mulher. Isto é um sonho que me acompanha há muito e que desejaria ver realizado. Ansiava encontrar-me consigo para lhe comunicar e tomar conhecimento da sua opinião sobre este assunto...

Clarinha manteve-se calada durante momentos, mas resolveu por fim responder-lhe:

— Rogério, lamento muito mas não lhe posso ser agradável, e por um motivo muito forte: é que amo outro homem e tenho muita adoração por ele, nunca o poderei deixar e por esse motivo eu nunca poderia ser sua mulher! Porque estaria

O Manjar do Marquês

UTILIDADE TURÍSTICA



Preços especiais para:
Casamentos, Grupos e
Agências de Viagem

CAFÉ - RESTAURANTE - SNACK-BAR - ADEGA TÍPICA
Tels. 036 - 28194/5 - Fax 036 - 28818 - Estrada Nacional, 1 - 3100 POMBAL

PARA COLECIONAR (A5)

VOZ d'AREGA

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

junto de si a pensar noutra pessoa e assim nunca lhe poderia dar a felicidade que merece. Agradeço as suas boas intenções a meu respeito, mas é impossível pelas razões que lhe apresentei.

Rogério quis ainda continuar a conversa mas ela levantou-se tomando o caminho do solar. Ele ficou furioso mas não disse mais nada, seguindo também o mesmo caminho.

No momento em que Clarinha chegou foi meter no curral as ovelhinhas que a acompanhavam, Rogério ainda tentou recomeçar a conversa, mas ela, fingindo-se distraída, foi subindo as escadas que a conduziram ao primeiro andar, entrou no seu quarto e fechou-se por dentro à chave.

Rogério não contava com aquele acolhimento da parte da prima, ficou decepcionado e foi direito ao escritório do tio para lhe contar o que tinha sucedido. O tio, depois de ouvir as suas queixas, disse:

— Não te incomodes porque quem manda aqui sou eu e depois veremos como esse assunto será resolvido, tanto mais que tu ainda não estás em condições de te tornares responsável como chefe de família. Vamos esperar que termines o teu curso de Direito.

Os dias foram passando e Clarinha sempre que podia evitava a convivência com o primo. Até que os tios deram por terminadas as férias no Casal dos Ventos e resolveram regressar a Coimbra na companhia do filho, pois estavam já cansados daquele ambiente de pasmação, onde nada existia para os divertir. Tinham saudades de Coimbra e além disso estava prestes a abrir o novo ano lectivo.

V

O CRIME

Pouco tempo depois todo o pessoal comentava um desacato que tinha acontecido entre os assalariados que trabalhavam para o Marquês. Tratava-se de uma pequena desordem entre o encarregado dos serviços da lavoura, Henrique, o pai de Roberto, e um trabalhador de nome Júlio, coisa de pequena importância mas que iria contar muito para o futuro do Casal dos Ventos.

Em casa do Marquês consumia-se a lenha produzida nas suas propriedades e era necessário que um dos trabalhadores a fosse lá entregar. Para esse efeito o Henrique disse ao Julião para ir a determinado local buscar um feixe de lenha e que a conduzisse ao solar, onde estava a ser necessária.

M Miranda & Miranda, Lda.

ARMAZENISTAS:

Adubos, Rações, Agro-Químicos; Produtos de Limpeza, Plásticos, Papeleria, Miudezas, Electrodomésticos

Tels: 036 - 636262 - 636282 - Fax: 636416 - 3250 CABAÇOS



OFICINA AUTO
DE

JOÃO LUÍS ALMEIDA

ESPECIALIZADO EM  E 

BAIRRO DA MIMOSA - RUA 8 DE JUNHO, LOTE 25, 84 - A
2675 ODIVELAS TEL/FAX 01 - 9377801

t i n t a s

dalge

a sua
escolha em
pintura

Tels: 036-551030 / 551031 (RDIS) Fax: 036-551032 (RDIS)
Parque Industrial, Lote 14 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E-mail: tintasdalge@mail.telepac.pt

OURIVESARIA LOURENÇO

RELÓGIOS, OURO E JÓIAS
CASA ESPECIALIZADA EM ÓPTICA MÉDICATAÇAS,
TROFÉUS E MEDALHAS DESPORTIVAS



Uma tradição de bem servir

Tel. 036 - 552105 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CARTAS DOS LEITORES

As cartas enviadas para publicação são de única e exclusiva responsabilidade dos seus autores



O Muro da Discórdia

Quando a ignorância é maior que o mundo tudo pode acontecer.

Vivíamos amigos mas como nos foi necessário e possível construir uma pequena moradia a amizade terminou em guerra.

É triste alguém pensar que o mundo não é de todos e que para fazermos dentro da lei e da nossa propriedade uma coisa que nos é necessária, o nosso vizinho pense que lhe te-

mos de pedir autorização e não à Câmara Municipal.

Fez-se o projecto, o qual foi assinado pela Câmara, tirámos a licença e começámos a construção, mas ao longo dela verificámos que era preciso alteração para abrir mais uma janelo e fomos novamente pedir a respectiva autorização aos serviços da Câmara, que nos foi concedida, uma vez que existia a distância necessária para a proprieda-

de do vizinho. Só que este ficou tão zangado quando viu aquela janela que foi um Deus

nos acuda, protestando como se fosse ele o dono do mundo e das leis, dizendo que nos ia tapar a janela com um muro, porque não lhe pedimos autorização para a abrir, e o que nós queríamos era um dia roubar terreno dele quando viessem novas leis, etc., etc. Pois bem, nós não tínhamos de pedir-lhe autorização nenhuma e mais a mais não sabíamos que ele tinha no bolso "leis" para dar ou vender. Simplesmente seguimos o que é de lei, pedindo o licenciamento a quem de direito e de acordo com a lei lá está aquela bendita janela.

Também a gosto do vizinho lá está a sua magnífica obra de arte, o muro bem feitinho que tem dado e dá muito que falar e que muita gente julga que é nosso. Mas não, o muro é do nosso bom vizinho. Pois que ele viva muitos anos para se gozar da

sua obra de arte e que lhe sirva para o guardar das intempéries lá no outro mundo.

O pior é que fomos fortemente ameaçados e ofendidos por alguém anónimo ao telefone no dia 22-9-97, entre as 21.30 e as 21.45 horas, avisando-nos que o muro ia começar e de facto foi iniciado no dia a seguir. E depois admiram-se de ver cortinas vermelhas à janela...

Não quisemos prejudicar nem ofender ninguém e o muro não nos isolou a casa, até nos dá jeito para proteger do vento.

Mas com isto queremos apenas esclarecer que o muro não é nosso como muita gente pensa, é do nosso vizinho.

Livrar de quem bem nos fala e mal nos quer.

Neste local fez-se muito cinema, só falta o filme

Maria Marques Dias Mendes
Joaquim Martins Pires

PARA COLECCIONAR (A5)

A CLARINHA DO CASAL DOS VENTOS

Entre os trabalhadores, continuava o traçoeiro Gregório, que não desistia de por todos os meios tentar tomar para si o lugar de Henrique e para isso tentava desestabilizar a ordem que sempre tinha existido entre todos os trabalhadores, conspirando por tudo e por nada, principalmente junto do Julião, por ser novo no serviço e uma pessoa que se deixava iludir pelas conversas dele. Assim, quando o Henrique lhe deu ordem para ir tratar do serviço de abastecimento da lenha, Julião respondeu-lhe:

— Vá lá você que não é mais do que eu!

Isto porque o velhaco do Gregório lhe tinha dito que o serviço da lenha era um desprestigiante para quem o efectuava, sendo pois uma desconsideração.

Henrique ficou furioso e quis obrigá-lo a cumprir a ordem que dera, mas o Julião também perdeu a calma e com uma enxada tentou agredi-lo. Mais possante, Henrique tirou-lhe a ferramenta das mãos e desarmou-o, obrigando-o a fazer o serviço.

Passou algum tempo e como o Julião tinha muito pouca experiência no trabalho agrícola, Henrique ocupava-o sempre nos biscates que periodicamente iam aparecendo dia a dia, tais como deslocações e outros. Certo dia teve de ir ao solar contactar com o Marquês sobre assuntos de trabalho e o patrão encarregou-o de mandar um trabalhador aos Cabaços meter uma carta. Henrique confiou-a ao Julião para ir selar e entregar aos correios, o qual refilou novamente dizendo-lhe se não tinha mais ninguém, que só se lembrava dele e porque já era quase o fim do dia não havia tempo para efectuar o serviço.

— Não te esqueças de que tens sido muito malcriado — disse-lhe Henrique — e se assim continuares tens de te entender comigo.

Julião pegou na carta e saiu do Casal em direcção aos Cabaços. Enquanto tudo isto se passava um único trabalhador se manteve silencioso e pensativo. Gregório espiava constantemente o comportamento de Henrique na administração dos trabalhos com o fim de descobrir qualquer falha para o prejudicar. Entendendo que estes acontecimentos favoreciam os seus baixos instintos de celerado, continuava com a ideia fixa de conseguir o lugar desempenhado pelo encarregado. Assim, na ocasião em que o Julião foi incumbido de levar a carta aos Cabaços, aproveitou um pequeno lapso de tempo em que a Joana, esposa do Henrique, foi ao solar do Marquês tratar de qualquer assunto para entrar na casa dela. Entrou e saiu rapidamente aproveitando a escuridão do princípio da noite. Roubou um enorme canivete com o qual Henrique costumava fazer as enxertias nos bacelos e também um lenço que lhe servia para defender o pescoço quando o frio o apoquentava.

Almiro J. Silva, Lda.

CONSTRUÇÃO - ANDARES - PRÉDIOS

ESCRITÓRIO: AV. 5 DE OUTUBRO, 256 - 3º. ESQ. - 1600 LISBOA
Telefs. 01-795 29 94 - 793 45 28 - 942 33 77 - Fax: 795 29 96

FUNDADO EM 1952 - RESTAURADO EM 1987
MAIS DE 40 ANOS A SERVIR OS SEUS CLIENTES

Gerência de
Evaristo Borges
e António Costa

Risauro
RESTAURANTE

AVENIDA DE PARIS, 4 - B
TELEFS.: 01 - 848 66 51 / 848 08 38 - 1000 LISBOA